



Universidade Federal
de São João del-Rei

DECED - DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Flávia Aparecida Sousa de Freitas

Letícia Mônica Barcelos Dias

**SOCIALIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS:
COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS.**

São João Del Rei

2023

Flávia Aparecida Sousa de Freitas

Letícia Mônica Barcelos Dias

**SOCIALIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS:
COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de São João del-Rei como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Amanda Valiengo

São João del-Rei - MG

2023

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo discutir sobre o processo de socialização de 13 crianças da Educação Infantil de uma escola particular da cidade de São João del-Rei, MG, durante a pandemia de Covid-19. Período no qual as atividades presenciais em diversos setores e escolas de todo país foram canceladas, devido à necessidade de distanciamento social, a fim de conter o avanço e disseminação da doença. Foi realizada uma entrevista com as crianças e com a professora que os acompanhava nas aulas presenciais pós-pandemia, com o objetivo de compreender como foi a socialização destes durante a pandemia e quais as estratégias utilizadas para a promoção desse aspecto por parte da professora. Como fundamentação teórica, buscou-se orientação no pensador e psicólogo Lev Semionovitch Vigotski, no que diz sobre a Teoria Histórico Cultural e a Pedologia, aproximando do que foi sendo investigado dos estudos realizados por ele sobre o meio, a organização deste meio e as vivências ao longo da vida por cada indivíduo. Refletiu-se sobre tudo isso tecendo relações com o conceito de socialização, no qual chegou-se à conclusão da indissociabilidade entre esses termos. Uma vez que, como adultos, responsáveis ou profissionais, o papel perante as crianças e ao objetivo de auxiliá-las no seu desenvolvimento envolve a organização dos ambientes, sejam eles escolar ou não, para possibilitar uma socialização possível de melhores aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Infantil; Vivências; Socialização; Pandemia; Crianças.

INTRODUÇÃO

A socialização, concebida como uma noção definidora de um conjunto expressivo de práticas de cultura que tecem e mantêm os laços sociais, é entendida como uma área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade (SETTON, 2011, p. 715). Além disso, representa um movimento que nos acompanha em todo e qualquer momento, começando logo no nascimento de cada indivíduo, passando este a integrar um grupo de pessoas de uma determinada família e a sociedade como um todo. Segundo Vigotski (2018, p. 90), o homem é um ser social e, fora da relação com a sociedade, jamais desenvolveria as qualidades humanas, as características que são resultado do desenvolvimento metódico de toda a humanidade.

E, nesse sentido, vamos nos tornando humanos nas relações com os outros. Com as primeiras interações, a pessoa recebe os cuidados básicos e fundamentais para a sua sobrevivência, adquirindo também progressivamente aspectos culturais que envolvem os artefatos da cultura humana. Nesse sentido,

A pertença social da criança deixa as suas marcas, mas a formação de sua personalidade não é um reflexo direto da comunidade a que pertence, mas resultado de uma síntese dialética entre a personalidade e o meio em que a criança é elemento ativo na definição da influência do meio sobre seu desenvolvimento. Esta síntese se dá na vivência em que tanto as particularidades do meio como as particularidades da criança são importantes para definir a formação da personalidade. (TEIXEIRA e BARCA, 2017, p.31)

Essa troca entre o eu e o outro ocorre na própria família, no círculo de amigos ou com desconhecidos e, em sua maior parte, ao longo dos anos que passamos frequentando o meio escolar, acontecendo também posteriormente na vida acadêmica e ambiente de trabalho. Sendo algo natural de acontecer no dia a dia, só o fato de imaginar não poder estar próximo fisicamente e interagir com os outros assustava a todos, sim, um pretérito imperfeito, pois fomos pegos de surpresa por uma pandemia.

Desde o mês de dezembro do ano de 2019 o mundo todo passou a ter novas manchetes de jornais, reportagens televisivas, publicações em redes sociais, todas girando em torno de um tão importante e novo assunto: o vírus da Covid-19, o SARS_CoV-2, como cientificamente também é nomeado. Assim como apontam as informações na página da internet do Ministério da Saúde, “potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global”, a doença infecciosa viral caracterizada por causar síndrome respiratória aguda grave nas pessoas tomou proporções pandêmicas a ponto de alterar a rotina de toda a população mundial em cumprimento aos protocolos de saúde.

Dentre essas mudanças, a alteração do formato das aulas em escolas e universidades, passando do presencial para o remoto, foi o que aproximou as autoras. O ingresso no curso de Pedagogia ocorreu para ambas no primeiro semestre do ano de 2018, na época Letícia com dezoito anos de idade e Flávia com vinte e dois, duas jovens que estavam vivendo a primeira experiência no ensino superior.

Natural de São João Del Rei, Flávia Ap. Sousa de Freitas, a mais velha entre os três filhos de pais que possuem raízes rurais, mas que foram criados na mesma cidade, estudante de escola pública desde a menoridade, foi a segunda da família a entrar em uma universidade, mas a única a permanecer. Já Letícia Mônica Barcelos Dias, é natural da cidade de Itabira, interior de Minas Gerais, sendo fruto do segundo casamento de ambos os pais, possuindo dois meio irmãos e uma ligação muito próxima com a educação, uma vez que sua mãe é professora.

Ao longo da graduação, ambas sempre tiveram grande interesse e aptidão para disciplinas ligadas à infância e desenvolvimento infantil e tal interesse se cruza ao se aproximarem durante a participação em um projeto de extensão da universidade denominado ECOS (Educação, cinema e outros territórios) e também ao iniciarem um estágio remunerado em uma instituição particular de ensino, passando boa parte do tempo juntas. Assim, ao descobrirem a compatibilidade de pensamentos e ideias houve então uma ligação natural entre duas mulheres distintas entre si, mas que encontraram uma na outra o apoio, parceria e interesse necessários para atravessarem juntas os desafios universitários, entre eles a realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

Como citado anteriormente, ambas realizaram estágio remunerado no mesmo local. Durante as horas que permaneciam na escola, era observado e despertava a atenção o modo como as crianças interagiam e pensava-se como isso ocorria no período das aulas remotas. A instituição de ensino particular, cenário da pesquisa e ambiente de trabalho de ambas, é uma escola muito conhecida na cidade, que atende cerca de oitocentos alunos nos turnos da manhã e tarde, possui um viés educacional tecnológico e uma perspectiva de formação técnica muito forte na região, desenvolve projetos interdisciplinares e possui recursos que são diferenciais para a realização das aulas. Um ponto que deixa a desejar é com relação à infraestrutura da escola, uma vez que poderia ter sido mais bem planejada, possuindo uma área verde que proporcionasse para as crianças o contato com a natureza, plantio ou simples ocupação do ambiente.

Em meio a todo esse percurso, como dito anteriormente, algo pegou a todos de surpresa. A pandemia ao chegar à vida das pessoas trouxe consigo a necessidade da adoção de uma nova postura por parte de toda a população, um novo modo de pensar e agir individual e

coletivamente, uma vez que fomos induzidos a uma série de cuidados. Sobre tal fato, Brito nos diz:

Os países precisam investir em pesquisa científica, no fortalecimento dos sistemas de saúde, nas medidas de educação em saúde para a população, formação continuada para os profissionais de saúde e, não menos importante, no desenvolvimento de políticas e/ou programas sociais e econômicos direcionados às pessoas em situação de vulnerabilidade [...]. (BRITO *et al.*, 2020, p.60)

A partir desse cenário, voltamos nossa atenção para o que veio a ser o tema deste trabalho, a socialização infantil no período pandêmico, com o intuito de analisar e ouvir das crianças como e se isso ocorreu no momento em que muitos lugares foram fechados, entre eles a escola.

Primeiramente, procuramos nos orientar sobre a temática buscando fundamentação teórica em Lev Vigotski e a Teoria Histórico Cultural, uma vez que os estudos do autor tratam sobre a formação do indivíduo a partir do contato com a sociedade e a teoria sobre a organização do meio para o processo da formação humana.

A Teoria Histórico-Cultural é uma teoria da psicologia que visa compreender e explicar o complexo processo de formação humana e que nos permite conceber as professoras e os professores de Educação Infantil como intelectuais cuja função é organizar de forma intencional o processo de formação social da personalidade da criança. (TEIXEIRA e BARCA, 2017, p.29)

Outro conceito que nos orientou na construção das ideias foi o que Vigotski compreende como Pedologia, ciência do desenvolvimento da criança (2018, p. 18), nos levando a compreender a necessidade da relatividade quando se fala sobre o meio e a sua relação com as crianças, pois isso tem haver com a vivência individual de cada uma delas, além da relação distinta em diferentes degraus etários.

Posteriormente, como metodologia, realizamos uma pesquisa de campo através de uma entrevista com as crianças em situação de grupo. Durante esse momento com eles, nos organizamos com o intuito de alinhar questões disparadoras para o diálogo, para que a partir disso a conversa fluísse de acordo com o que fosse sendo exposto por eles. A escolha dessa ferramenta se deu por acreditarmos que uma análise qualitativa pode propiciar uma visualização ampla sobre a questão investigada, uma vez que envolve o trabalho com interpretações das realidades sociais.

Além das crianças, houve uma conversa com a professora delas após o retorno presencial pós-pandemia, mesmo que não tenha sido a própria a lecionar para as crianças no período remoto. Contudo, achamos esse diálogo importante de acontecer, pois assim

poderíamos analisar a partir da experiência das crianças como elas viveram aquele período e qual o trabalho tem sido desenvolvido com elas atualmente.

UM POUCO DA HISTÓRIA

Ao longo da graduação muito foi falado sobre a importância de trazer sentido para nossas ações. E, não fica difícil compreender a verdade que existe na palavra contextualizar, pois tudo se torna mais fácil quando vem acompanhado dela, seja explicando um fato, contando um caso, ensinando um conteúdo ou revivendo uma história.

Então, para contextualizar sobre aprendizagem é necessário voltar no tempo e assim entender que muito do que é reproduzido contemporaneamente possui atravessamentos com o que era realizado no passado. Ao falarmos sobre a história da Educação Infantil no Brasil, se faz relevante apontar - mesmo que sucintamente - alguns pontos importantes.

Ao longo do tempo, a educação infantil passou por diversas mudanças, como visto nas aulas que tivemos durante esses anos da graduação. Mais apropriado seria, talvez, dizer assim como afirma Merisse (1997) que a história da educação infantil se divide em quatro momentos: as instituições filantrópicas, instituições com preocupação higiênico-sanitária, instituições com caráter assistencial e, também as de caráter educacional. Inicialmente, preocupava-se em instituir lugares que representasse um abrigo para as crianças no qual poderiam se alimentar, posteriormente veio a orientação higiênica como foco. Depois, surgiram as creches nas fábricas, como meio de assistência para as pessoas que ali trabalhavam e possuíam filhos, especialmente as mães. Em seguida, tomou forma o caráter educacional e junto a isso a expansão da criação de várias creches pelo país.

No entanto, tantos movimentos não significavam muitas preocupações de fato com o ser criança em questão, mas sim com a manutenção da espécie humana, com os pais trabalhadores que se não tivessem um lugar para deixar os filhos, poderiam não realizar o trabalho na fábrica, o que representaria prejuízo financeiro, falta de alimentos para o próprio sustento, por exemplo.

Essa visão da criança como uma espécie de ameaça a algo é o que gerava muitos problemas, como: maus tratos, trabalho escravo, separação familiar, abandono, a exemplo da roda dos expostos, na qual as crianças eram ali colocadas para a adoção. Houve um momento na história em que a intencionalidade do ensino não representava proveito só para quem determinava o que deveria ser feito, isso porque a passagem dos jesuítas pelo território, também nomeados por Companhia de Jesus, possuiu como objetivo catequizar os povos nativos, ou seja,

os indígenas, convertendo-os ao cristianismo, para além de ensinar a ler e escrever, ensinavam também novos trabalhos e habilidades, no intuito de que conseguissem sobreviver de diferentes formas.

Apesar de existirem muitos pontos negativos sobre a passagem dos jesuítas como, por exemplo, a perda cultural dos indígenas, a importância de citá-los, mesmo que brevemente, se faz pelas contribuições deixadas pelos missionários para a evolução educacional, metodologias de ensino e nosso próprio português. Uma tentativa que apesar de possuir sim interesses particulares, realizava também o ensino que ia além do cuidado, assim como era simulado em outros lugares. No entanto, esse momento também possui afinidades com a contemporaneidade ao ficar evidente que o avanço e expansão da educação não correspondem aos interesses políticos das classes dominantes, pelo menos até o último governo encerrado em 2022, que acarretou a cortes e extinção de projetos, bem como aconteceu com as missões jesuítas banidas na época. Nessa mesma perspectiva, Silva (2020) ressalta que:

[...] sabemos que a educação é a base para a mudança social, no entanto os interesses políticos das classes dominantes não permitem que a educação exerça sua real função a de transformadora social, atuando apenas como reprodutora das desigualdades. Esta desvalorização da educação movida pelo interesse econômico é uma repetição histórica que os jesuítas vivenciaram no Brasil Colônia.

A educação é uma batalha que vem sendo disputada desde o início dos tempos, assim como pode ser visto até o momento. Ainda hoje, muito há de se correr atrás para que direitos sejam mantidos, outros conquistados e principalmente reconhecidos em leis. Para a Educação Infantil, esse reconhecimento começou a existir com a Constituição Federal de 1988 que legislou que “O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia da educação infantil, em creche e pré-escola, as crianças de até 5 (cinco) anos de idade.” (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006, art. 208, IV).

A Constituição ao tratar em diversas partes ao longo de seu corpo sobre a Educação, passa a criar uma nova concepção para tal, que vai de encontro ao que Piosevan (2010, p. 383-384) citado por Camara (2013, p. 11) diz ser um “processo de especificação do sujeito de direito”, em que “o sujeito de direito deixa de ser visto em sua abstração e generalidade e passa a ser concebido em sua concretude, em suas especificidades e peculiaridades”. Nesse sentido, o documento serviu como base e “start” para a criação de novos documentos oficiais e não-oficiais ao longo do tempo sobre o que diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem.

Entre esses documentos, estão o Estatuto da Criança e do Adolescente, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais e a Política Nacional de Educação Infantil, ambos abordando em seus conteúdos sobre os direitos desses

sujeitos e apresentando princípios para o norteamento das ações para efetivação de tal. Não diferente disso, a Lei das Diretrizes e Bases para a Educação Infantil (LDB- Lei nº 9.394 de 1996) surgiu após um longo período de debates para sua elaboração e se tornou a lei mais importante no que tange sobre a educação, pois é por meio dela que se encontra garantido o direito ao acesso à educação gratuita e de qualidade, estabelecendo, também, que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios organizarão, em regime de colaboração, os respectivos sistemas de ensino” (BRASIL, 1996). Além disso, o documento trata, também, sobre a formação e valorização docente, apresentando requisitos mínimos e aspectos para atuação e sua posterior formação continuada.

Na mesma perspectiva da LDB, que aponta sobre a importância de objetivar o desenvolvimento integral das crianças, e dos demais documentos aqui citados, que compilam normatizações a fim de organizar o viés educativo, a teoria que decidimos tomar como norte para o desenvolver deste trabalho também direciona para a necessidade da organização do ambiente e do todo para o alcance do desenvolvimento infantil, tendo em vista que “educar significa organizar a vida” (VIGOTSKI, 2000, p. 220 *apud* TEIXEIRA; BARCA, 2017, p. 32).

Muitos são os documentos que versam sobre educação e afins, e não há de se negar que abordam temáticas valiosas e que trouxeram e ainda representam mudanças diárias no cotidiano da aprendizagem de milhares de crianças e jovens. No entanto, mais do que saber a “letra da lei” é importante conseguir representar e identificar no dia a dia onde ela está presente em nossas ações. Mais importante ainda é compreender como acontece aquilo que é o objetivo de toda ação docente, o desenvolvimento infantil.

Quando e como a criança começa a se desenvolver são as primeiras perguntas que perpassam a mente daquele que está envolvido pela temática e há sobre isso estudos, opiniões que vão de um extremo a outro com seus argumentos. Aqui, nos aproximamos do que trata a Teoria Histórico-Cultural sobre o assunto, no que destaca que as crianças aprendem desde que nascem ao se relacionar com o mundo da cultura por meio das pessoas e porque aprendem se desenvolvem. Além disso, para a perspectiva histórico-cultural o desenvolvimento humano é uma possibilidade, pois depende das experiências, as vivências, das aprendizagens que as gerações mais velhas propõem para as novas gerações (TEIXEIRA e BARCA, 2017, p. 33).

Uma maneira didática e, talvez, o fio dessa linha de raciocínio para começar a compreender o que envolve tal teoria é o ponto de partida da vida e o início do desenvolvimento de todos nós, o nascimento. Nesse momento, através da troca com o outro, por meio de olhares, incentivos com gestos, brinquedos, sons, toques, aprendemos. Isso, para Vigotski, representa um conceito que ele nomeia como funções superiores, que são relações internalizadas de uma

ordem social, transferidas à personalidade individual e base da estrutura social da personalidade (VIGOTSKI, 1989, p. 58 *apud* SIRGADO, 2000, p. 60).

Inicialmente, tudo se dá por meio da linguagem visual, devido a ausência, ainda, da transmissão sonora, o que não torna o indivíduo incapaz de aprender, “as crianças são biologicamente preparadas para comunicar, estar em relação, viver em relação.” (RINALDI, 2014, p. 84).

Nesse sentido, nos colocamos em uma posição curiosa que, segundo Paulo Freire, é a posição que assume aquele que busca por algo. Desse modo, buscamos compreender qual o reflexo da pandemia na socialização das crianças perante a pandemia da Covid-19.

PONTO DE PARTIDA

Para fins de pesquisa realizamos uma conversa com um grupo de 13 crianças e a professora delas, que chamaremos pelo codinome Suzana. Apesar do foco da pesquisa ser a fala das crianças sobre a socialização no contexto da pandemia, decidimos que ouvir a professora sobre o cotidiano com as crianças nos ajudaria, também, a analisar o contexto, ainda que ela não tenha sido a professora dessas crianças no período remoto, mas no sentido de olhar para a vivência dela e contrastar com a prática no presencial, pós-pandemia.

Direcionando algumas perguntas para Suzana, começamos querendo conhecer como foi a sua trajetória profissional. Formada por uma graduação em Normal Superior no ano de 2007, Suzana passou por volta de 7 anos atuando como professora e gestora de uma escola na qual também era sócia. Em seguida, realizou a graduação em Pedagogia à distância na UFSJ - Universidade Federal de São João Del Rei, finalizando no ano de 2015. Posteriormente ingressou na rede pública de ensino, conciliando o trabalho com a especialização na área da Educação Especial e Inclusiva, na qual passou a atuar por um tempo. Há cerca de um ano, começou a trabalhar nesta rede privada de ensino, onde ainda permanece, conciliando também com a regência na rede pública municipal.

Trazer à tona o contexto em que a professora já esteve e se encontra inserida, se torna importante para perceber como a bagagem de vivências pode ou não ajudar a lidar com situações diversas que surgem no cotidiano escolar. Nesse sentido, perguntada sobre quais são as diferenças e semelhanças do trabalho entre a rede de ensino pública e privada, Suzana aponta para a “carência em recursos, investimento na educação e estrutura familiar e a existência de mais casos comportamentais que afetam o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças”, na rede pública. Já na rede privada, de acordo com a professora, “o trabalho é mais intenso, o

número de crianças é maior, porém os recursos e os retornos profissionais se equiparam à quantidade de demandas”.

Os relatos da professora, infelizmente, não fogem muito daquilo que já representa muita luta da classe em prol de direitos fundamentais como o acesso a recursos e fomento de uma educação de qualidade para todos e não somente aos que detêm de mais recursos, visto a discrepância encontrada entre esses locais.

Buscou-se saber pela professora como foi na perspectiva dela a vivência das crianças frente a pandemia da Covid-19. Suzana relatou ter sido um desafio muito grande, que trouxe dificuldades para todos, não importando o lugar que se encontrava. Porém, ela direciona que a maneira de conduzir o ensino na pandemia pela rede privada proporcionou às crianças mais leveza que na rede pública. Na opinião dela, “os recursos, as aulas online, o acompanhamento e comprometimento de uma boa parcela de famílias, além do retorno presencial mais cedo” foram fatores importantes para que na rede privada houvesse uma travessia melhor em meio a pandemia. Sendo que, “na rede pública houve a falta de recursos e estratégias de ensino, sendo o trabalho realizado com apostilas de atividades e em grupos de aplicativo de mensagens *WhatsApp*, sem contar o baixo envolvimento e comprometimento dos familiares e interesse pelas propostas, e uma maior dificuldade de adaptação com o novo formato de aulas, além do retorno tardio das aulas presenciais”.

A partir dessas dificuldades apresentadas pela professora, foi perguntado se ela sentiu diferenças no comportamento das crianças ao longo do período de aulas na pandemia e agora no retorno das aulas presenciais. Suzana relata que “infelizmente muitas, pois as crianças começaram ter mais dificuldades em conviver em grupo, saber dividir, se organizar, respeitar o espaço e o momento do outro, além de terem ficado mais ansiosas, com medo, inseguras e agitadas. Outro aspecto apresentado são as questões cognitivas, que ficaram nítidas as dificuldades de aprendizagens, pois etapas foram puladas e não trabalhadas durante o tempo necessário”.

Como visto, houve a percepção da dificuldade do envolvimento com o outro na pandemia e, também agora no retorno presencial. Visto isso, perguntamos à Suzana quais foram e são as estratégias utilizadas por ela para proporcionar a socialização entre as crianças em suas aulas. A professora conta que na rede pública “no período online foi bem complicado, pois as propostas eram através de vídeos, áudios, apostilas e tudo pelo grupo do *WhatsApp*, onde o retorno era bem pequeno e o desinteresse vinha da família, o que fazia com que não houvesse participação especial”. Já na rede privada conta que “utilizava das aulas online onde todos

conseguiam ter momentos juntos, em grupo, além do uso da plataforma e *Padlet*, para que todos pudessem ver e compartilhar as respostas uns dos outros”.

Já no presencial, a professora afirma que o trabalho tem sido regado a muito diálogo e atividades práticas que induzam o envolvimento de uns com os outros. Por fim, Suzana afirma que estão caminhando para o melhor e que as sequelas identificadas estão sendo curadas aos poucos, mas que é um trabalho a longo prazo.

A partir da conversa realizada com a professora, percebe-se as primeiras evidências sobre como é o comportamento das crianças, no sentido de observar o jeito que agem e não pelo sinônimo/espera de quietude, assim como em senso comum a palavra comportamento muito é associada. Além disso, com o diálogo tornou-se possível identificar que a socialização se resumia no remoto em estarem online ao mesmo tempo na plataforma de ensino para trocarem as respostas sobre o que estavam estudando, o que minimiza o sentido e intencionalidade da palavra. Não fica claro em evidências a existência de atividades no presencial que tenham sido pensadas para estimular a socialização para além do momento do intervalo para o lanche.

A interlocução direta realizada com as crianças foi uma escolha que para nós vai de encontro com a intenção de dar espaço a esses jovens, que mesmo com tão pouca idade, são sujeitos ativos, capazes de entender, opinar, questionar, bem como dizerem por si só sobre seus sentimentos e emoções. Outrossim, a condição de grupo permite o desenvolvimento de diversos aspectos da inteligência: a argumentação, a negociação, a possibilidade de avaliar mais possibilidades de um mesmo problema, a capacidade de usar outros pontos de vista como um recurso (VECCHI, 2014, p. 167).

COM A PALAVRA, AS CRIANÇAS

Ao iniciarmos a conversa com as crianças logo de início foi possível perceber como já estávamos naquele momento aprendendo algo, mesmo que não encontrássemos uma resposta pontual para aquilo que procurávamos entender sobre o desenvolvimento, interação e aprendizagem daqueles pequenos sujeitos. “A aprendizagem, é o surgir daquilo que antes não havia, é uma pesquisa do único, do Outro, dos Outros que se encontram em volta de um assunto.” (RINALDI, 2014, p.46)

Como apontado anteriormente, a criança começa a aprender desde o seu nascimento, na troca com o outro, funções físicas, motoras, psíquicas ou sociais. Nesse sentido, ao estar em relação com o outro ou em grupo, desenvolve também aspectos como o senso de justiça, o trabalho com regras, tomada de decisões e solidariedade (VECCHI, 2014, p. 167). E buscando

entender como ou em que a falta desse contato em grupo os afetou, partimos para a conversa, aprendizagem mútua, em grupo.

Ao irmos buscar as crianças em sala de aula para realizarmos a conversa já percebemos ao longo do percurso um misto de empolgação e curiosidade sobre como seria aquele momento através de falas como: *“a gente vai fazer uma entrevista...”* e posteriormente terem expressões faciais que remetiam à espanto, surpresa. Depois, quando a conversa já acontecia, percebemos que a empolgação permanecia presente, uma vez que interrompiam a fala do outro querendo expor alguma opinião, experiência pessoal. Falavam juntos, riam juntos, o que se aproxima do que Strozzi relaciona com a socialização, signo de uma urgência de se falarem, se mostrarem, de fazerem acordos, além disso, as crianças se esperam e se auto-organizam (2014, p. 67).

Iniciamos o diálogo buscando perceber se as crianças se lembravam de como foi o início da pandemia, o que houve de mudanças em suas rotinas e sobre principalmente o que foi a causa de toda a situação. E, como esperado, conseguiram, resumindo as respostas em uma pequena frase dita por eles: *“uai, a gente teve que ficar em casa, né?!”*. Esse fato das crianças conseguirem lembrar e relatar sobre o início, suas mudanças e afins, aponta para o quanto foi marcante essa vivência em seres de tão pouca idade e o quanto o ato de explicar para eles os contextos vividos os tornam partícipes.

Após despertar neles as lembranças do início da pandemia para entenderem o contexto da nossa conversa, seguimos em busca de analisar como e com quem as crianças se relacionaram naquele período. Com isso, percebemos que eram na maioria filhos únicos e que o pouco contato com outras crianças ocorria uma parcela com primos, pessoas do próprio círculo familiar e outra via chamada de vídeos com os amigos, na falta desses momentos, brincavam sozinhos com os próprios brinquedos ou com pais nos momentos em que estes estavam disponíveis.

Ao seguir com a entrevista, um fato unânime levantado pelas crianças e que nos chamou a atenção foi como elas não gostaram de estar longe da escola. Ao serem questionadas sobre o porquê elas preferiam estar na escola, Maria nos conta: *“Ah, eu brincava no meu quarto sozinha com minhas bonecas e com uns amiguinhos só que por chamada de vídeo.”* outro relato que gostaríamos de trazer é o de Pedro, quando diz: *“Eu fazia aula online, ficava lá na minha casa porque não podia sair pra quase nada e as aula online eu não tava entendendo nada aí quando voltou as aulas presenciais eu aprendi muito, eu já comecei aprendendo a ler”*. Esses relatos apontam para dois pontos muito importantes para a nossa pesquisa: como o brincar foi afetado nesse período e como o desenvolvimento da leitura e escrita até mesmo na visão das crianças, foi prejudicado. Vigotski (1984, p.21) nos diz:

O brincar gera um espaço para pensar, sendo que a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade. Compreendendo assim que o ato de brincar permite que aconteça a aprendizagem, o brincar é essencial para o desenvolvimento do corpo e da mente.

Por essas primeiras palavras das crianças, percebemos o quanto a vivência no presencial traz impacto no sentido e peso das horas que crianças e educadores passam juntos no ambiente escolar. O que reforça também que para que aconteça a aprendizagem se faz necessário que o conteúdo apresentado, o método e a presença de emoção e vivência estejam interligados nas práticas, trazendo significação para as crianças, pois a aprendizagem é um processo do desenvolvimento humano que está ligado a aspectos cognitivos e emocionais. Nesse sentido, segundo Teixeira e Barca:

A melhor forma de acompanhar o processo de formação social da personalidade humana da criança é criar meios que possibilitem sua expressão, uma vez que o processo de internalização, isto é, da criança tomar seu aquilo que é social, envolve dialeticamente a internalização e a externalização dos significados vivenciados em sua realidade social. (2017, p. 31)

Ainda nesse aspecto e também no viés da Pedagogia sobre a influência do meio, os relatos das crianças exemplificam o que Vigotski diz sobre as vivências serem os momentos essenciais na influência do meio no desenvolvimento, pois

A vivência de uma situação qualquer, de um componente qualquer do meio define como será a influência dessa situação ou meio sobre a criança. Ou seja, não é esse ou aquele momento, tomado independentemente da criança, que pode determinar sua influência no desenvolvimento posterior, mas o momento refratado através da vivência da criança. (2018, p. 75)

Quando uma criança aponta que aprendeu a ler com o retorno presencial das aulas, ele está dizendo que um estímulo de coisas entre o meio, as pessoas, estratégias, o fizeram ter esse alcance. Essa situação é um exemplo claro na teoria de Vigotski, no que diz sobre o nível de desenvolvimento da criança em sua propriedade de resolver, compreender situações e problemas individualmente e a sua capacidade de desenvolvimento potencial quando em situação de grupo, ou seja, falamos sobre o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal-ZPD.

De acordo com a Teoria Histórico Cultural, a organização do entorno encaminha para o desenvolvimento, o que ressalta a importância do espaço escolar, notável na fala das crianças, quando dizem que preferem ter aulas na escola do que em casa e o que consideram que torna isso melhor. Nesse viés, Vecchi (p. 169) diz sobre ser ao longo do tempo e nos hábitos que as crianças constroem as relações e a modalidade do estar e aprender juntos, dessa maneira esse

reconhecimento pelas crianças sobre a escola ser para elas o melhor ambiente para brincar e aprender vai de encontro com a significação e potência que o quanto o pensar sobre a aprendizagem ensina.

Ouvir os relatos das crianças despertou em nós um sentimento de que faltou algo naquelas vivências que tiveram com o ensino remoto, ainda mais percebendo a empolgação do simples fato de estarem caminhando juntos para irem conversar conosco, ou ainda após observarmos por certo período a rotina escolar deles, contendo entusiasmo, muita conversa e principalmente um espírito investigativo ou um tanto curioso sobre tudo, ao perguntarem sobre coisas que viam ou ouviam por outras pessoas.

Mais do que palavras, as pessoas se expressam por gestos e expressões, faciais ou não, o nosso corpo fala por nós em muitos casos e não é necessário que haja uma pesquisa científica para que isso fique comprovado, pois em algum momento da vida alguém já se expressou com um olho reluzente, uma face franzida, mãos trêmulas, pés se movimentando mais do que devia, a comunicação é o que nos diferencia dos outros seres para além do instinto de sobrevivência e criação, o que vai de encontro com aspectos da linguagem visual, que Filippini (2014, p.39) relaciona com os frutos e habilidades advindos da socialização, que envolve relações, colaboração, amizades, confiança, estima e trocas.

Conseguir fazer a interpretação dos sentimentos das pessoas ao entorno, é um aprendizado que ultrapassa relações familiares, sendo importante para o ambiente de trabalho, círculo de amizades e também para relacionamentos. Em ambiente escolar, professores muitas vezes desenvolvem essa habilidade e nem percebem, quando após poucas semanas de aula, mesmo com uma sala contendo entre vinte ou trinta crianças, conseguem notar como cada um deles se sente em determinados momentos ou dias.

Nesse sentido, pensando que somos uma geração que atravessou uma pandemia que trouxe um misto de incertezas, ansiedades e sentimentos diversos nas pessoas, seja ela de qualquer idade, trabalhar o contexto de linguagem visual, gestual e expressões em si, fortalece e amplia o senso de comunicação, explicar ideias, opiniões e sentimentos. Desse mesmo modo:

Construir e manter relações é o fio condutor que acompanha as crianças ao longo dos vários tempos, espaços, atividades da sua vida cotidiana; construir conexões com o mundo que as circunda, ver sempre mais interdependência entre as ações e a realidade delas, é a ocupação principal a qual se dedicam, com energia e paixão, desde o momento do nascimento. (FILIPPINI, 2014. p.54)

Tudo isso que tentamos tecer até o momento gira em torno de uma situação: a de grupo. O ato de socializar das crianças em questão no momento das aulas remotas, não foi algo muito efetivo, tendo em vista que os encontros nas telas não eram muito prolongados, entendendo que a socialização era aquele fato de trocarem algumas palavras, responderem perguntas ou esclarecer dúvidas. Além disso, as telas podem ter dificultado, pois

Às vezes, uma socialização pode não dar certo pois a criança tem movimentos e gestos do corpo e linguagem verbal não condicionada ou treinada para atrair e envolver os outros. Há então uma discordância entre o desejo delas de socialização e sua competência gestual e verbal para realizarem o desejo. (VECCHI, 2014, p.179)

Buscando criar ou até fantasiar interpretações para tal déficit e pensando principalmente no condicionante das telas, chega até a gerar um teor compreensível. Mas como futuras pedagogas, a criticidade de ações faz parte não de apontar no outro o que há de errado, mas buscar entender e apreender o que nós mesmos podemos fazer diferente e ir cultivando isso nas outras pessoas.

Não criar situações que favoreçam a socialização das crianças, além de vivências significativas, dá forças para o entendimento por parte delas e de possíveis outros de que socializar seria somente a ação de brincar, assimilando isso às aulas de educação física, como também pode ser observado nos relatos. Se a socialização já quase não aconteceu durante o período e tão pouco as brincadeiras, buscamos entender então se quando aconteceram como foi e o que a professora tentou proporcionar nesse aspecto. Não foi difícil perceber que as crianças não possuíam lembranças desses momentos, pois foram poucos os comentários, tendo um deles dito que *“um dia lá a professora escondeu um brinquedo e a gente tinha que tentar achar onde é que ele tava”*.

Tal situação direciona para o que Libâneo (1985) destaca sobre

[...] o ato pedagógico pode, então, ser definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais, tanto no nível do interpessoal como no nível da influência do meio, interação isso que se configura numa ação exercida sobre sujeitos ou grupos de sujeitos, visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida (p. 97).

No entanto, acreditamos que apesar de que propostas que evidenciem mais a interação também venham a ser benéficas, não quer dizer que só isso e também o pouco disso baste. Vigotski (1994) enfatiza a socialização não apenas como interação, porém indo mais longe e afirmando que há uma determinação do meio social que marca o desenvolvimento da criança.

A socialização é uma atividade importante pois possibilita que o indivíduo tenha conhecimento de normas, costumes morais, religiosos ou de comportamentos, o que o torna um

ser sociável, facilitando com que desafios do cotidiano sejam entendidos e superados, isso na perspectiva de que a socialização favorece um bem-estar com o grupo de convivência ou não do indivíduo. Em outro viés, a socialização desenvolve no indivíduo a sua formação de caráter, no qual consegue entender as diferenças que existem no outro, ter ainda sua personalidade e ter o respeito como chave entre isso tudo. Contudo, a escola como ambiente múltiplo, rico em diversidades, representa o lugar ideal para a promoção desses sentidos, principalmente para as crianças pequenas.

Assim como buscamos compreender como a pandemia afetou a socialização das crianças naquele período, entendendo assim como isso influenciou esse momento da vida delas, o conceito de Pedagogia se aproxima muito disso, uma vez que não busca destrinchar sobre o meio, mas o seu papel e o significado de sua participação e influência no desenvolvimento da criança.

Assim, para que haja de fato o desenvolvimento, tendo em vista que defendemos que este ocorre na relação com o outro, destacamos que em caráter remoto tais ações poderiam ter sido realizadas em maior número e maiores propostas, o que ressalta que o encontro em grupo e principalmente presencial é um fator que pode melhorar essa proporção quali-quantitativa. O valor disso fica evidente ao pensar que não só a criança individualmente aprende a aprender, mas o grupo torna-se consciente de si como “lugar de ensino” no qual as linguagens se enriquecem, multiplicam-se, refinam-se, geram-se e desafiam-se (RINALDI, 2014, p.85).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar sobre a socialização infantil durante a pandemia refletiu em nós como uma chamada de atenção para observar o nosso entorno e nosso futuro como regentes. Acreditamos que a atual geração de professores, as crianças e nós como estudantes de Pedagogia não passaremos por outra pandemia, sendo assim estudos sobre a realidade vivida em meio a pandemia se tornam pesquisas únicas em meio a um fato histórico. Fora isso, estarmos inseridas no ambiente escolar, realizando outras funções que não a de estar frente à uma sala de aula, nos coloca em uma oportunidade de observarmos situações, emitirmos sugestões e levantarmos hipóteses sem ter o peso ou grande ocupação que muitas vezes justifica o fato de não haver tempo de pensar novas possibilidades, perceber falhas, entre outras coisas.

Tudo começou com uma reflexão sobre como as crianças do local onde trabalhamos socializaram durante a pandemia. Isso porque observamos o quanto os primeiros meses de

retorno presencial das aulas estavam com um aspecto tumultuado, com crianças e professores aparentando uma corrida contra o tempo, as crianças atropelando o momento de fala uns dos outros, com inquietude de esperar a própria vez em diversos contextos, professores com sentimento de angústia ao perceberem que o que foi trabalhado no período remoto não se tornou simbólico para as crianças, logo não tendo sido apreendido. Enfim, essas e outras percepções nos levaram a querer ouvi-los e buscar refletir sobre.

Para isso, decidimos utilizar como ferramenta metodológica a entrevista. Conversamos com uma turma de crianças do 1º ano e também com a professora que apesar de não ter sido a que acompanhou a turma durante a pandemia, lecionava para eles no momento atual, para perceber como ela sentiu e viveu o período de aulas remotas e o contraste que isso deu à própria prática no retorno presencial, estando isso diretamente ligado às crianças em observação. Além do intuito de analisar e ouvir das crianças se houve socialização ou não e entender como foi o caminho dos dois percursos, destacando os benefícios desta para o desenvolvimento infantil.

Constatamos com as crianças que no período que estiveram longe do espaço físico escolar foram poucos os momentos que proporcionaram a socialização deles com crianças da mesma idade ou não, o contato que tinham era com as pessoas do círculo familiar, mas com os hábitos e conversas normais, sem estratégias que fizessem com que a criança extraísse algo mais afundo, uma experiência, organização diferente. No entanto, há de se levar em conta que o contato com adultos favorece alguns aspectos, como o desenvolvimento da fala, isso por serem seres que já possuem um nível desenvolvido de fala, diferente em uma conversa entre duas crianças. Nesse sentido, levantando apenas um exemplo entre tantos possíveis, o contato restrito com adultos vivido na época apresenta um ponto positivo, de acordo com nossas perspectivas.

Já com a professora, percebemos que, infelizmente, durante o período remoto sua prática consistiu em cumprir com o horário e atividades programadas, o que não mudou muito com o presencial, visto que não há atividades intencionais para a promoção da socialização para além dos vinte minutos de intervalo que as crianças possuem durante o tempo que passam na escola. Pelo o que foi possível perceber a partir do relato, o que ela diz ser “estar caminhando para o melhor”, é representado pelo diálogo presente nas respostas coletivas de atividades propostas.

É certo que a professora, assim como todos nós, vivenciou um cenário pandêmico pela primeira vez, assim como foi também a primeira vez lecionando remotamente, algo que fugiu daquilo que foi estudado por ela no período de sua formação e experiências adquiridas até então. No entanto, pensamos que a bagagem de vivências carregadas ao longo dos anos em sala de

aula, poderia ter sido explorada de uma maneira mais engajada, reformulando ideias, adaptando ao novo, flexibilizando, habilidade na qual o ser professor exige, principalmente quando este tenha realizado uma formação especializada no viés inclusivo, subentendendo assim que haja determinada capacitação pelo profissional de se pensar práticas que facilitem o alcance de certos objetivos, nesse caso, a socialização das crianças.

Além disso, os traços de personalidades identificados em muitas crianças no período pós-pandemia como agitação, ansiedade, insegurança, entre outros, podem ser compreendidos quando tomamos consciência de que por mais que tenha sido explicado para elas o que era aquele momento que estávamos vivendo, elas reestruturam os acontecimentos à sua maneira, diferente do modo como nós adultos o fazemos, ou seja, as vivências foram internalizadas de modo diferente, assim como são externalizadas na mesma maneira, individualmente.

Acreditamos que como profissionais ou responsáveis, nosso papel sobre isso com relação a socialização das crianças, seja proporcionar experiências, as integrar nas ações, ambientes e situações do entorno, para que aprendam e formulem as próprias concepções, para que a cada vez que for necessário se adequar às mudanças sociais elas consigam conduzir da melhor maneira coletivamente ou não.

Percebemos que os processos que acontecem no ambiente escolar como cooperação, assimilação e até mesmo os conflitos, assim como os pontos notados com o retorno presencial das aulas que nos chamaram a atenção, fomentam essa ideia por ao final apresentarem como fruto a troca e aprendizagem com o outro, isso se forem percebidos a tempo para que se consiga tomar como exemplo de intervenção e/ou desenvolvimento. Cabe à escola com extensão à família, favorecerem o maior número de vivências possíveis e trabalharem sobre e com isso, entendendo que falar sobre socialização representa múltiplas culturas ou seja pluralidades.

Contudo, pensamos que como adultos, subentendendo que possuímos a habilidade de auto regulação diante as mais diversas situações do dia a dia, perante as crianças, nosso papel é nos posicionarmos vigilantes uns com os outros no seio familiar e enquanto profissionais sobre como estamos organizando o meio e o quanto estamos proporcionando e cuidando das vivências ao longo das etapas da vida destes pequenos. Além disso, somar a psicologia ao cotidiano escolar para observar essas urgências percebidas com o retorno presencial das aulas, em busca de identificar se são dificuldades encontradas no desenvolvimento da habilidade de aprender com as situações do momento ou se são aspectos adquiridos na socialização primária, ou seja, advinda do contexto familiar, pode ser uma forma de buscar, através da socialização de conhecimentos, entender e encontrar ações de melhorias assertivamente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CAMARA, Luciana Borella. **A educação na Constituição Federal de 1988 como um direito social**. Revista Direito em Debate, v. 22, n. 40, p. 4-26, 2013.

FILIPPINI, Tiziana. A mão justa. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p 38-41.

FILIPPINI, Tiziana. Sobre a natureza da organização. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p.54 59.

O que é a COVID-19? **MINISTÉRIO DA SAÚDE**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 10 set.2022.

PIRES BRITO, S. B.; BRAGA, I. O.; CUNHA, C. C.; PALÁCIO, M. A. V.; TAKENAMI, I. Pandemia da COVID-19: o maior desafio do século XXI. **Vigil Sanit Debate, Rio de Janeiro**, “Rio de Janeiro, Brasil”, v. 8, n. 2, p. 54–63, 2020. DOI: 10.22239/2317-269X.01531. Disponível em: <https://visaemdebate.incqs.fiocruz.br/index.php/visaemdebate/article/view/1531>. Acesso em: 20 maio. 2023.

RINALDI, Carla. Documentação e avaliação: qual a relação. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p.80-90.

RINALDI, Carla. Creches e escolas da infância como lugares de cultura. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem**: crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p.42-49.

SILVA, Maria Eliza Rocha. **Os jesuítas como precursores da educação brasileira.** Anais VII CONEDU - Edição Online- Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/69229>>. Acesso em: 28 –ago. 2022.

SIRGADO, Angel Pino. **O social e o cultural na obra de Vigotski.** Educação & Sociedade. 2000. v. 21, n. 71 pp. 45-78. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302000000200003>>. Acesso em: 19 – set.2022.

SCHRAIBER, Fernanda Crocetta. **Os benefícios da socialização e comprometimento organizacional e a relação com o compartilhamento do conhecimento: uma revisão de literatura.** CiKi, Maringá, novembro de 2021.

SETTON, Maria Graça Jacintho. **Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade.** Educação e Pesquisa, 2011. v. 37, n. 4, pp. 711-724. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-97022011000400003>>. Acesso em: 30 out. 2022.

STROZZI, Paola. Um dia na escola, um cotidiano extraordinário. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem:** crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini.1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p. 60-79.

TEIXEIRA, Sônia Regina; BARCA, AP de A. Teoria Histórico-Cultural e Educação Infantil: concepções para orientar o pensar e o agir docentes. **Teoria Histórico Cultural na Educação Infantil: conversando com professoras e professores.** Curitiba: CRV, p. 29-39, 2017.

VECCHI, Vera. A curiosidade do entender. In: ZERO, Project; CHILDREN, Reggio. **Tornando visível a aprendizagem:** crianças que aprendem individualmente e em grupo. Tradução Thais Helena Bonini. 1 ed. São Paulo: Phorte, 2014. p.160-214.

VIGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. Sete aulas de LS Vigotski sobre os fundamentos da pedologia. **Organização [e tradução] Zoia Prestes, Elizabeth Tunes,** 2018.

**APÊNDICE 1 - AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DE ENTREVISTA
(CRIANÇAS)**

<https://drive.google.com/drive/folders/181LteVuAcuqrxri09Gm27RkX4aDcixBU?usp=sharing>

**APÊNDICE 2 - AUTORIZAÇÃO PARA PARTICIPAÇÃO DE ENTREVISTA
(PROFESSORA)**

https://drive.google.com/drive/folders/1JtpJ3n_u69HTofHYztZSph8o50FZ0XD?usp=sharing